



Dois olhares, duas poetas, na fugacidade do tempo

Maria dos Prazeres S. Mendes¹

Em seu livro *Tempo e Identidade: estudo da poética de Florbela Espanca e Cecília Meireles*, publicado pela editora UNEMAT, de Cáceres, Mato Grosso, neste ano de 2010, Elizete Dall'

Comune Hunhoff percorreu tempo e espaço marcados como alicerces na construção dos poemas de Cecília Meireles e Florbela Espanca. Tempo de enumerar cruzamentos, espaço de compartilhamento entre temas que sugerem o imbricar de vozes que denunciam, que refletem, que confessam, que se isolam, ao mesmo tempo que rogam serem ouvidas e compreendidas, ora por si mesmas, ora pelo leitor-ouvinte de seus apelos. Olhos e ouvidos atentos, sensibilidade à flor da pele, sentidos e sentimentos em confronto ou identificação, Elizete fez-se crítica, pontuando relações, fazendo ecoar interpretações adensadas em conceitos teóricos, oportunos e esclarecedores, descobrindo espaços e tempos; individualidades construídas em diagramas armados em análise textual dos poemas dessas grandes escritoras, nem sempre estudados na dimensão que presenciamos neste livro. Os leitores de Elizete vão mesclar esses tempos e espaços – tempo de leitura e

¹ Professora Doutora da FFLCH/USP. Este texto foi publicado como apresentação minha ao livro de Elizete Hunhoff, tese de doutorado com o mesmo título do livro, pelo Programa de Estudos Comparados de Língua Portuguesa/ USP, da qual fui orientadora.

inclusão, espaços de descobertas ou reconhecimentos. Tempo compartilhado pelas poetisas e pelos leitores.

A fugacidade do tempo e o desorganizar do espaço, correlatos na transformação do real em movimento de ensimesmar-se, propõem uma leitura ao mesmo tempo frágil, porque o leitor, ao assumir o papel de confessor, acaba por seguir o mesmo movimento, identificando-se aos males que presencia, como também propõe uma leitura arguta e consistente, já que o leitor, ao decifrar as confissões, encontra, por trás e em meio delas, a visão das poetisas processada em palavras, instrumentos aqui eficazes em urdir reflexões bem arquitetadas em ambiguidades próprias do expressar poético.

Elizete evidencia, com relação à Florbela Espanca, “ *a herança imemorial sobrevive à passagem do tempo, cujo teor faz parte da gigantesca transformação do mundo, assumida pelas sociedades industriais – ocasionada pela dessacralização do Cosmos. Assim, a angústia que transparece na poesia de Florbela relaciona-se diretamente ao tempo, o qual aproxima o ser humano da morte, impossibilita o encontro amoroso e frustra a realização do eu-lírico*”.

E em Cecília Meireles: “*embora o sentimento de angústia também seja uma constante, é possível perceber uma idéia de construção dentro do próprio sentimento de dor (...). Em Cecília essas imagens são muito simples, mas novas, que variam nos poemas ao sugerirem as nuances oníricas da fluidez, da fugacidade e da circularidade*”. (...) *percebemos que no inconsciente, o eu – poético impõe um conhecimento decisivo à negação e à morte, proporcionado pela solidão da poetisa*”.

Confessa Florbela:

*“Do trigo semeado, da fome bebida,/ do sono dormido,
vou sendo levada.../ Os outros não sentem que estou de partida,/ sem
mapa, sem guia – com data marcada./ (...) No mundo em desordem, meu
corpo que adianta?”*

Aconselha Cecília:

“Segue teu rumo e canta em paz”

Cecília Meireles e Florbela Espanca, mulheres poetas conscienciosas de seu tempo de viver a vida e de concretizar a escritura, de pontuar, através das palavras, suas angústias e receios, sua dimensão de dor e regozijo, de saber que o aqui e agora de seu sofrimento perdurará ao se fazer matéria literária, ao se tornarem imagens existenciais perenes. *“Ambas têm em comum o espírito sensível de ver a natureza em toda a sua amplitude, de marcar com palavras as preocupações existenciais do homem moderno, cuja essência parece perder-se na individuação de si próprio”*, conclui Elizete, com o discernimento próprio de quem percorreu a amplitude de versos e estrofes das duas poetas, sabedora de fato de que não sairia desse embate intacta, em distanciamento que se quer do crítico, mas sim imbuída do mesmo pensar. Afirma Elizete: *“a todo o momento sentimos que os textos investigados, que compuseram o recorte, trazem marcas de um sujeito poético que vai se constituindo, desentranhando-se aos olhos do leitor, e levando-o a um sentir e pensar tumultuosos”*.

Como leitora arguta, a autora não deixou de incorporar esse sentir. Suas análises apontam para esse duplo olhar, preenchendo, assim, de maneira eficaz as expectativas, qualquer que seja o leitor deste trabalho.

HUNHOFF, E.D.C. Tempo e Identidade: estudo da poética de Florbela Espanca e Cecília Meireles. Cáceres/MT: editora UNEMAT, 2010.